

## ÉTICA: EM DEFESA DOS ANIMAIS

Daniele Santana Moreira (UNISUL)

### RESUMO:

Este artigo tem por objetivo apresentar as concepções contemporâneas da ética na proteção dos animais segundo o filósofo Peter Singer. Além disso, citamos alguns filósofos antigos que defendem o propósito de estendermos a ética a todos os seres, posto que eles fundamentam seus argumentos centrais no fato de os animais possuírem a qualificação de vivos ou por serem capazes de sentir dor, sofrimento e alegria. Apresentamos algumas consequências dessa nova atitude ética. Não obstante, procuramos auxiliar a divulgação de suas propostas a fim de conscientizar os nossos leitores para uma atuação mais condizente com os valores humanitários, superando assim os valores tradicionais especistas<sup>1</sup>.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética, Animal, Zooética, Especismo, Senciência.

### INTRODUÇÃO

Em vista das manifestações em defesa dos animais frente à atitude cruel e desumana que ocorre nos matadouros, como também das possíveis consequências desastrosas para o meio ambiente pelo excesso de animais (reproduzidos de forma inconsequente pelo homem), o presente artigo foi elaborado. Em defesa da extensão do direito à vida a todos os seres sencientes<sup>2</sup> e considerando os constantes avisos de especialistas e estudiosos sobre os malefícios físicos e morais do consumo de carne, apresentaremos teorias e propostas éticas abordadas por Peter Singer. Faremos sugestões de alguns subsídios para um novo posicionamento moral e ético em relação ao problema.

O que entendemos por ética hoje não é o mesmo que se entendia no passado. Segundo Pegoraro (2005, p.15), entre os gregos, a ética se inicia como forma de se conhecer e praticar o bem e, com isso, se atingir a felicidade. Segundo o mesmo autor, na Idade Média, a ética norteia o homem na direção de sua ligação com o divino, buscando a sua essência na salvação de sua alma. Já a ética moderna valoriza o livre-arbítrio juntamente à capacidade racional de escolhas e atitudes conscientes e, por isso, capaz de avaliar as consequências dos atos.

Mas o que é a ética afinal, e qual a sua relação com a moral? De acordo com o dicionário Aurélio (2009, p.383) "Ética é o estudo dos juízos de apreciação, referente à

<sup>1</sup> Que atribui valores ou direitos diferentes a seres dependendo de sua espécie.

<sup>2</sup> Capacidade de sentir dor, alegria, prazer ou tristeza.

conduta humana, capaz de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada pessoa ou sociedade, seja de modo absoluto. A ética é uma disciplina teórica que estuda, analisa e reflete sobre o comportamento humano. Por outro lado, a moral, palavra que vem do latim *mores* (costumes), designa o comportamento adquirido por hábitos.

Temos então que a ética é uma disciplina teórica voltada para o estudo da ação ó da práxis, tendendo sempre para o universal e o coletivo, enquanto que a moral tende para o individual e privado. Conforme a vida se apresenta, novas posturas éticas vão surgindo, ficando em sua definição que a ética surge da experiência da vida

A ética em defesa dos animais, portanto, vem pensar o comportamento humano diante dos animais. É importante que se diga que, no momento atual, este é um questionamento importante ó muitos se levantam numa nova atitude e comportamento moral diante dos animais. Para tanto, a zooética<sup>3</sup> vem fundamentar esta nova moral, provando que os animais têm preferências, sentem dor e alegria.

## **1 - A SENCIEIRA DOS ANIMAIS X A FUNDAMENTAÇÃO DA TEORIA TRADICIONAL ESPECISTA**

A teoria mecanicista de Descartes, defendida em seus escritos *As Paixões da Alma*, defende que todo fenômeno físico é uma reação mecânica do corpo (movimento automático), sendo que não é o corpo que sente (paixões), cabendo à alma traduzir essas reações. No artigo 2 de seus escritos ele afirma: *“[...] o que nela (alma) é uma paixão em geral nele (corpo) é uma ação”*. Ele define que as *“paixões”* são um caso de pensamento que ocorre na alma e que apenas o homem possui a capacidade da razão; concluindo que somente o homem possui uma alma, sendo esta a única capaz de traduzir as paixões, permitindo que o homem sinta.

Logo no começo de seus escritos, Descartes propõe afastar-se do caminho que trilharam os antigos pensadores sobre a questão das paixões para, segundo ele, aproximar-se da verdade. Na concepção de Descartes, os animais não sentiriam dor por não serem racionais e, portanto, não possuírem uma alma. Esse pensamento faz acreditar que os movimentos musculares e os sons produzidos pelos animais quando recebem algum dano físico seriam apenas respostas mecânicas.

Esta visão mecanicista persistiu até o séc. XX como respaldo teórico para a utilização dos animais para proveito e vontade do homem ó por defender que os animais não possuem consciência da dor. Tal fato nos leva a crer que essa concepção defende que todo ser destituído de razão é incapaz de sentir. Por extensão, todo ser que não possui linguagem, que não pode expressar as sensações através da linguagem, não pode sentir dor ou alegria. Este tipo de inferência pode ser usado contra o próprio ser humano, quando este é privado de se expressar, seja por uma deficiência mental, por estar no início da assimilação da linguagem como é o caso das crianças entre outros.

Contrariando esse pensamento tradicional, Sônia Felipe, em seu livro *Ética e experimentação animal* (2007), lembra-nos que os animais possuem uma linguagem. Eles se comunicam entre eles. Além disso, ela comenta que alguns primatas até são capazes de aprender a língua de sinais. A autora brinca ao perguntar: quantos homens já aprenderam a linguagem dos animais?

<sup>3</sup> Parte da zoologia que estuda o costume dos animais.

Em contrapartida, Aristóteles, em *Ética a Nicômaco* (livro I, 1102<sup>a</sup> 25-30 e 1102b), esclarece que os animais partilham com os homens algumas formas de expressão da alma, ocorrendo de alguns até apresentarem raciocínio, apesar de apresentá-lo de forma diferente da do homem. Diz Olinto Pegoraro (2005, p.105) que, quando Aristóteles estuda os graus da vida, afirma que a essência do vegetal é òviver e crescerö; a do animal, òsentir dor e prazerö; a do homem, òpensarö. Aristóteles, bem antes de Descartes, em momento algum confundiu a razão com a possibilidade de sentir.

Todo o conhecimento adquirido pelo senso comum leva a perceber que homens e animais possuem similaridades, tanto que o homem é definido também como um animal, diferente apenas por ser reconhecido como pensante a ponto de se diferenciar. Também as conclusões filosóficas dos primeiros pensadores foram a de que homens e animais partilham de similaridades. O que nos leva a buscar o real motivo para que um homem venha a negar que outros seres vivos possam sentir.

Acreditou-se, por um tempo, que os escravos também não possuíam uma alma, assim como bárbaros e índios também. Historicamente, na maioria das vezes em que o homem (dotado de algum poder reconhecido pela sociedade) tem algum interesse pessoal, comercial ou religioso em manter submisso algum ser ou mesmo o seu semelhante, ele o faz com o argumento de estar diante de algo ou alguém ònaturalmenteö inferior, sem alma.

## 2.6 CRÍTICAS À TEORIA TRADICIONAL ESPECISTA

Jeremy Bentham e Humphry Primatt formam as bases históricas das teorias em defesa dos animais utilizadas por pensadores contemporâneos, como Peter Singer.

O teólogo Humphry Primatt, em 1776, inicia suas teses em defesa dos animais, sendo que duas persistem até aos dias de hoje. A primeira e mais influente diz òdor é uma experiência intrinsecamente má para qualquer ser que a sofreö e a segunda òa singularidade da aparência natural específica não resulta do mérito moral [...] não devendo servir de critério para justificar privilégios moraisö<sup>4</sup>.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Jeremy Bentham, em 1789, denuncia, em òAn introduction to the principles of moral and legislationö, a moral tradicional por estabelecer, como critério definidor de quem merece ou não considerações éticas, a aparência biológica e a capacidade de diálogo e, portanto, de fazer acordos. E propõe que se incluam, nas considerações éticas, todos os seres capazes de sentir dor e sofrer. (BENTHAM apud. BARTEL, 2010, p.83)

Talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos que jamais poderiam ter-lhe sido negados, a não ser pela mão da tirania. Os franceses já descobriram que o escuro da pele não é razão para que um ser humano não seja abandonado aos caprichos de um torturador. É possível que um dia se reconheça que o número de pernas... são motivos igualmente insuficientes para abandonar um ser senciente ao mesmo destino... A questão não é òEles são capazes de raciocinar?ö, nem òSão capazes de falar?ö, mas, sim: òEles são capazes de sofrer?ö (BENTHAM apud. SINGER, 2010, p.12)

<sup>4</sup> Fragmento encontrado em

:[http://www.pensataanimal.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=158&Itemid=1](http://www.pensataanimal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=158&Itemid=1);  
Acesso 18/05/2012 às 14h.

A seguir denuncia o interesse de se manter os animais na classe de coisas, de objeto.

Outros animais, que, por conta de seus interesses terem sido negligenciados pela insensibilidade dos juristas antigos, ficam degradados para a classe de coisas (BENTHAM, 2000, p. 225).

O que fazem Bentham e Primatt é denunciar uma incoerência no pensamento tradicional por dirigir as leis éticas e morais apenas aos capazes de firmar contrato por serem dotados de razão, legitimando a destruição daqueles que não são considerados dignos, permitindo deturpações como o racismo, o sexismo, o autoritarismo e finalmente o especismo. A base do preconceito é sempre a mesma. Um determinado grupo se coloca acima de outros para proteger um interesse comum, não importando os meios para atingir esses interesses. Ao longo do desenvolvimento histórico, este tipo de inferência tem permitido a exclusão de benefícios e garantias de bem estar aos que não são inseridos em sua lógica excludente: mulheres, crianças, idosos, dementes, animais etc.

Sempre que um ser é colocado como inferior a outro, utilizando-se a desculpa de o outro ser inferior, destituído de razão ou alma, temos subjugação, perda de direitos e interesses que querem se manter. A caracterização de animais inferiores (neste caso por não pertencerem à raça humana) e não dotados de razão, destitui o animal de qualquer direito, seja ele de viver, ser livre e de ter uma vida plena, o que, na lógica capitalista significa não ser objetificado e usado pelo homem indiscriminadamente.

### 3 ó PETER SINGER

O filósofo australiano Peter Singer, em 1975, publicou um livro intitulado *Libertação Animal* (2010), onde expôs suas propostas em favor dos animais, incomodando os adeptos da tradição moral especista. Ele utilizou, como base, os argumentos de Jeremy Bentham e de outros pensadores.

Peter Singer defende que a moral humana perante os animais deve ser modificada de forma a protegê-los, por esses possuírem a capacidade de sentir dor ou alegria, assim como os humanos. Ele argumenta que o princípio da igualdade deve ser estendido aos seres não racionais ó ou seja, aos animais õbrutosõ.

O princípio de igualdade dos seres humanos não é a descrição de uma suposta igualdade de fato existente entre os seres humanos: é a prescrição de como devemos tratar os seres humanos. (SINGER, 2010, p.9)

Com isso, o filósofo explica que:

[...] temos de encarar o fato de que os seres humanos têm diferentes feitios e tamanhos, diferentes capacidades morais e intelectuais,

diferentes intensidades de sentimentos benevolentes e sensibilidade em relação às necessidades dos outros, diferentes capacidades de se comunicar de modo eficaz e diferentes capacidades de experimentar prazer e dor... se a exigência de igualdade tivesse de se basear na igualdade efetiva de todos os seres humanos, teríamos de deixar de exigí-la. (SINGER, 2010, p.6).

Como este princípio de igualdade exige que o próprio sofrimento tenha tanto peso quanto o sofrimento alheio, o filósofo pede que se incluam os animais no princípio de igualdade por serem capazes de sofrer tanto quanto o homem. Considerando os animais como pacientes da comunidade moral, onde os animais humanos são seriam os agentes da comunidade moral, Peter Singer propõe que se reconheça o dever de **igual consideração de interesses semelhantes**, onde todo ser busca a felicidade e evita o sofrimento. No entanto, ele deixa claro que este princípio não exige um tratamento igual ou idêntico e sim igual consideração.

A extensão do princípio básico da igualdade de um grupo para outro não implica que devemos tratá-los da mesma maneira, ou que devemos conceder-lhes o mesmo direito. [...] O princípio básico da igualdade não requer tratamento igual ou idêntico, mas sim igual consideração. Igual consideração por seres diferentes pode levar a tratamentos e direitos distintos. (SINGER, 2010, P.5).

Para tanto, deve haver um limite à liberdade individual sempre que a ação do agente da comunidade moral possa atingir de forma negativa os interesses do paciente da comunidade moral. Com isso, o ser humano, que é um ser racional, torna-se responsável por todo e qualquer ato que possa infligir aos seres irracionais, como o sofrimento desnecessário e egoísta.

De acordo com Bartel, em seu livro *Ética contemporânea* (2010, p.850), para Singer, o sujeito moral deve nortear sua vontade pelo princípio da coerência, regulando de modo semelhante todas as decisões relativas aos casos de uma mesma natureza.

Singer também denuncia o critério definidor de quem merece ou não considerações éticas baseadas em aparência biológica e capacidade de argumento, por considerar estes critérios como especistas, já que é sempre o grupo dominante que estabelece as bases da igualdade. Iguais são os brancos, os homens, os heterossexuais, os que possuem renda etc. Com isso, segundo Bartel (2010, p. 79 apud. Carvalho, 2007, p. 177), Singer denuncia os critérios de avaliação de quem está no poder por defender um princípio quando os seus próprios interesses estão em jogo e outros princípios quando são os interesses alheios que estão em pauta.

Suas propostas buscam a superação dos privilégios do homem perante os animais, destituindo estes da categoria de mercadoria ou de objeto pertencente ao homem, que vivem para servir às necessidades humanas. Estes objetos vivos são ficam totalmente descaracterizados e o homem lhes imputa a imagem ou função mais conveniente. Para o filósofo, os animais não devem ser considerados como coisas ou mercadoria.

Ele analisa a utilização dos animais para o consumo humano e para as pesquisas. Logo na introdução de seu livro, Singer avalia como os EUA estão atrasados em relação à Europa na proteção dos animais de criação e questiona se os norte-americanos são mais insensíveis aos sofrimentos que causam aos animais.

Desde que me mudei para os Estados Unidos [...] venho refletindo sobre os motivos pelos quais o país está tão atrasado, em relação à Europa, na proteção de animais de criação. Serão os norte-americanos mais insensíveis e de mentalidade mais estreita do que os colegas europeus? Talvez... Quando os direitos dos animais começaram a mobilizar a opinião pública... as questões levantadas pelo movimento tinham a ver com espécimes utilizados em testes e pesquisas de produtos. (SINGER, 2010, p. 15).

E reforça mais adiante sobre os Estados Unidos estarem sempre atrasados quando se trata de modificar um comportamento reconhecidamente errado.

Assim como os Estados Unidos ficaram para trás, em relação ao mundo civilizado, na abolição da escravidão, também estão atrasados em amenizar as brutalidades sem limites cometidas contra animais escravizados. (SINGER, 2010, p. 115)

No capítulo 2, o autor denuncia que além de os animais servirem aos propósitos e interesses do homem nas pesquisas científicas, elas ocorrem de modo indiscriminado e cruel. O Singer declara ó a primeira coisa que fazem os cientistas que se utilizam de animais é destituí-los da palavra que os nomeia e identifica como seres, renomeando-os como cobaias. Mais que isso, ele questiona se os cientistas perderam a sensibilidade. De forma elegante, Singer ao longo de seu livro, vai tecendo as respostas e com isso denuncia toda a forma do funcionamento das indústrias sob os moldes capitalistas.

Sob a direção do laboratório de Pesquisa e Desenvolvimento de Bioengenharia Médica do Exército Norte-Americano...Os pesquisadores administravam doses variadas do explosivo TNT a 60 beagles. Durante 6 meses, os cães ingeriam o TNT em cápsulas diariamente. Os Sintomas... Desidratação, emaciação, anemia, icterícia, baixa temperatura corporal, descoloração da urina e das fezes, diarreia, perda de apetite e peso, aumento do fígado, dos rins e do baço. (SINGER, 2010, p. 44)

Transcrevo aqui outro teste para ilustrar:

Aplicaram choques elétricos nas patas de 1.042 camundongos... Provocaram convulsões por intermédio de choques mais intensos, mediante eletrodos em forma de taça aplicados aos olhos dos animais ou cliques presos às suas orelhas... (SINGER, 2010, p. 63)

O filósofo também cita anúncios feitos pela Columbus Instruments na Lab Animal:

O medidor de Convulsões da Columbus Instruments possibilita que se façam medidas objetivas e quantitativas das convulsões animais... no final do experimento obtém-se a intensidade e o tempo total das convulsões. (SINGER, 2010, p.57)

Em denúncia sobre os procedimentos adotados na agroindústria, Singer expõe que mesmo em revistas especializadas não se encontram artigos que falem de modo direto sobre o sofrimento dos animais de criação, principalmente se o assunto já foi declarado como delicado.

Ruth Harrison, autora de *Animal Machines*, pioneira na exposição dos métodos de criação intensiva na Grã-Bretanha, concluiu que a ócrueidade é reconhecida apenas quando cessa o lucro. (SINGER 2010, p.143).

Singer deixa claro que, para a manutenção do *status quo*, a sociedade é iludida no sentido de nunca pensar que está consumindo um ser que foi objetificado pela indústria alimentícia ou mesmo sobre os maus tratos pelos quais passam os animais que ingerimos. A ideia que se faz quando se ouve a palavra òfazendaõ é bem diferente da realidade dos criadouros atuais.

Os desenhos animados sobre fazendas sempre mostram um lugar feliz, sem o estresse das cidades grandes, com um galo solto no quintal, algumas galinhas no galinheiro e uma vaca no pasto, como se todos fossem animais de estimação ó esse é o primeiro mito. Essa imagem inocente da fazenda ainda é alimentada na mente coletiva como algo em contraste com a vida da cidade que privilegia o lucro. O segundo mitoó as carnes que se consomem são embaladas e sempre limpas e com pouco ou nenhum sangue, ocultando a realidade da manipulação dos produtos de origem animal. Isso evita que todo o processo de criação, abatimento, preparo em cortes e embalagem seja sequer pensado. O terceiro: os nomes do que se come também evitam a ligação com animais: come-se bife e não carne de boi, vitela e não bezerro etc. òEsses disfarces linguísticos encobrem a camada superior de uma ignorância muito mais profunda quanto à origem dos alimentos.õ (SINGER, 2010, p. 140). Conforme o próprio autor diz, estes termos genéricos evitam encarar o fato de que o que se está comendo são realmente pedaços do corpo de um animal.

Os comerciais sempre mostram um frango feliz incentivando o consumo de carne aviária ou uma vaquinha alegre nas embalagens de leite ó tudo para não permitir que o consumidor questione o que consome e de que forma as mortes ou o uso de seus corpos ocorrem.

Jamais as fazendas foram tão idílicas como nos faz crer essa imagem tradicional, muito distante de nossa vida citadina industrial, voltada para o lucro [...] Alguns indagam se os animais são abatidos de forma indolor, e qualquer pessoa que tenha seguido um caminhão com gado sabe que eles são transportados amontoados... (SINGER, 2010, p.141).

E resalta sobre a imagem criada sobre os produtos finais que mascara a realidade de todo o processo.

A compra desses alimentos... é a culminância de um longo processo, do qual tudo, exceto os produtos finais, é delicadamente afastado de nossos olhos[...] Compramos carne e aves em embalagens limpas. Quase não sangram. Não há por que associar essa embalagem a um animal vivo, que respira, caminha e sofre. (SINGER, 2010, p. 140)

Singer destina um capítulo para descrever os horrores que ocorrem nos matadouros e a forma desumana com que vivem os animais.

O animal, de cabeça para baixo, com as juntas rompidas e, muitas vezes, uma perna quebrada, se contorce freneticamente, sentindo dor e terror. É então agarrado pelo pescoço, ou colocam-lhe um gancho nas narinas, para que o magarefe possa matá-lo com um golpe único. (SINGER, 2010, p. 227)

Um repórter do Washington Post descreveu um abatedouro

Mas tudo começa lá fora, atrás da fábrica, num curral malcheiroso, lamacento, encharcado de sangue. [...] os visitantes ficam apenas breves minutos. Do contrário, o cheiro fétido dos porcos mortos impregna as roupas [...] o suíno, guinchando, é empurrado de sua baia para um tronco de madeira, onde um trabalhador o atordoia com uma corrente elétrica. Quando ele cai... rapidamente o pendura de cabeça para baixo numa esteira transportadora[...] Às vezes o porco atordoado cai da esteira e recobra a consciência;[...] muitas vezes ainda se contorcendo, são mortos por homens que apunham, com uma faca a veia jugular... (SINGER, 2010, p.221)

O autor também fala da dor infligida aos animais que são considerados como instrumentos de pesquisa e denuncia horrores que a sociedade nem imagina que ocorram. Esses atos são realizados com o dinheiro dos impostos, tornando a sociedade cúmplice, de certa forma, de tudo isso. Além disso, o autor escreve sobre os cientistas que não demonstram remorsos e esclarece o porquê de isso ocorrer, na maioria dos casos. Em alguns momentos de seu livro o filósofo se pergunta se os cientistas perderam a sensibilidade e descreve que, desde a faculdade, os pesquisadores são obrigados a utilizar animais ó se não o fizerem, são reprovados. Mostra também uma pesquisa que foi feita por Stanley Milgram, psicólogo, que demonstrou que pessoas comuns tendem a obedecer à instrução de um pesquisador de jaleco branco quando é mandado a dar choques em outro ser humano por ter dado uma resposta errada. O que não é capaz então de fazer com animais para conseguir se formar? Singer denuncia que essas atitudes são fruto de um condicionamento que é feito paulatinamente a fim de formar a mentalidade fria e distante dos cientistas.

Como afirma Don Barnes, pesquisador das Forças Aéreas Norte-americanas: "Eu era o que denomino 'caveira ética condicionada'. Toda a minha vida consistiu em ser recompensado por utilizar animais, tratando-os como fonte de aprimoramento ou entretenimento humano. [...] Nos 16 anos que passei em laboratórios, a moralidade e a ética de utilizar animais jamais foram mencionadas." (apud. SINGER, 2010, p. 104)

A sociedade vem sendo condicionada a acreditar que os animais devem servir às necessidades do homem, a acreditar que tudo o que a Ciência faz é correto. Singer relata os bilhões de pesquisas desnecessárias feitas contra os animais com a desculpa de ser importante para melhorar a vida humana. O livro questiona todo comportamento especista defendido ao longo dos séculos e descreve novas opções de atuação no mundo visando atitudes mais conscientes em que pesem as consequências de cada ato humano.

## CONCLUSÃO

Os argumentos de filósofos como Peter Singer, Jeremy Bentham e tantos outros em defesa do direito dos animais procuram superar a filosofia tradicional especista afirmando que os animais sofrem tanto ou mais (dependendo do tipo de animal) do que os homens. Trata-se de denunciar o egoísmo humano em declarar que só possuem direitos os iguais, possuidores da razão e por isso capazes de diálogo, mesmo que este argumento o faça cair em contradição, pois, nem todo humano é consciente de suas escolhas, vale lembrar os doentes mentais, as pessoas em coma e das crianças que ainda não sabem argumentar por seus direitos.

Tais reflexões éticas ainda encontram barreiras e fortes inimigos. Como o próprio Singer comenta, quando da escravidão, foi necessário modificar toda a estrutura social para libertar os cativos e essa é a mesma proposta da zooética: insistir para que o bom senso supere todo condicionamento e história especista vivida ao longo dos séculos, pelo direito dos animais a uma vida livre e plena.

Difícilmente pode-se contestar hoje em dia que um animal possa sofrer, ou que não tenha preferências por modelos de vida e capacidade de memória. Qualquer pessoa que tenha possuído um animal de estimação poderá falar sobre como são sensíveis, capazes de demonstrar contentamento, dor ou medo.

Mas para que os animais consigam o direito a uma vida plena, como um ser vivo e não como um objeto existente para satisfazer os caprichos ou necessidades humanas, ainda serão necessários muitos estudos, já que o *status quo* evita que a realidade da crueldade para com os animais seja mostrada à população. Mesmo que os criadores e pesquisadores defendam que o que fazem é para o bem da humanidade, a verdadeira face do que ocorre e como ocorre deve ser divulgada, a fim de cada um poder realizar a sua escolha.

Quando se mostra uma imagem ou vídeo a um indivíduo de como ocorrem a criação, a manutenção, o abatimento e os métodos de pesquisas infligidos a esses animais, poucos são os que conseguem suportar a visão, provando o quanto são desumanas estas ações. Deixemos que a verdade apareça, sem as máscaras e falsas imagens, para que a justiça e bom senso prevaleçam.

Durante o desenvolvimento deste artigo, foi divulgada, na internet, a novidade científica de uma nova clonagem. Cientistas chineses clonaram uma ovelha geneticamente modificada que só possui gordura boa para o consumo humano para se evitar os riscos de ataques cardíacos.<sup>5</sup> Esta novidade deixa bem claro que os animais são tidos apenas como objeto e mercadoria para o bem estar humano. Os animais em si nunca são levados em consideração. É esta visão já arraigada na humanidade que a ética pelos animais tenta superar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Ethica Nicomachea I i3-III8 tratado da virtude e moral** / Marco Zignano. São Paulo: Odisseus, 2008.
- FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Mini-dicionário**. São Paulo: Positivo, 2009.
- BARTEL, Marcio Renato. **Ética Contemporânea livro didático**. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.
- FELIPE, Sônia. **Ética e experimentação animal**. Florianópolis: editora da UFSC, 2007.

<sup>5</sup> <http://www.agrovalor.com.br/2011/home/2/3485>

PERGORARO, Olinto. **Introdução à ética contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ / Mauad Editora, 2009.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: Martins fontes , 2010.

TEIXEIRA, Eduardo Didonet; BUGLIONE, Samantha. **Cenários Contemporâneos livro didático**. Palhoça: UnisulVirtual, 2008.

<<http://www.pensataanimal.net/>> acessado em 14/04/2012.

BENTHAM, Jeremy. **Introduction to the Principles of Morals and Legislation**.

Baixado em <<http://socserv2.socsci.mcmaster.ca/econ/ugcm/3ll3/bentham/morals.pdf>> acessado em 18/06/2012.

## **ETHICS: IN DEFENSE OF ANIMALS**

### **ABSTRACT**

This article aims to present contemporary conceptions of ethics in the protection of animals according to the philosophers like Peter Singer. Furthermore, we mention some ancient philosophers who defend the purpose of extending ethics to all beings, since they base their arguments on the central fact that animals possess the qualification for being alive and able to feel pain suffering and joy. So, we present some consequences of this new ethical attitude. Nonetheless, we seek to help publicize their proposals in order to educate our readers for attitudes more befitting to the values humanitarian, thus overcoming the especisist traditional values.

**KEYWORDS:** Animal Ethics, Zooética, Speciesism, Sensciência.